

---

---

## RESENHAS

---

---





**REINKE, André Daniel. Os Outros da Bíblia. História, Fé e Cultura dos Povos antigos e sua atuação no plano divino. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019, 352 p.**

### **Roger Marcel Wanke<sup>1</sup>**

O contexto histórico e cultural do Antigo Oriente não é assunto apenas para arqueólogos. Para a compreensão da Bíblia e de seu contexto, se faz necessário também entender a história e a cultura dos povos vizinhos de Israel, bem como o intercâmbio cultural e teológico que surgiu entre eles. O Antigo Testamento é uma prova evidente de um riquíssimo confronto e diálogo inter-religioso e intercultural entre Israel e os outros povos, já naquela época. Em grande medida, quando se conhece “os outros”, pode-se compreender, também, quem é o povo de Deus e o Deus desse povo.

O tema do contexto histórico-cultural e religioso do Antigo Oriente é

---

<sup>1</sup> Roger Marcel Wanke (Dr.) é docente na área bíblica, com ênfase em Antigo Testamento, na FLT - Faculdade Luterana de Teologia. Concluiu seu doutorado em 2009, na faculdade de teologia evangélica da *Universidade Friedrich Schiller*, em Jena, na Alemanha, sobre o tema da “*Praesentia Dei – As concepções da Presença de Deus no livro de Jó*”. É Pastor da IECLB - Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil desde 1997 e faz parte do Comitê Editorial da Revista *Vox Scripturae*. E-mail: [roger.wanke@flt.edu.br](mailto:roger.wanke@flt.edu.br).

abordado, no contexto teológico, basicamente como um dos capítulos dos livros de História de Israel ou do Mundo contemporâneo da Bíblia. No entanto, na maioria das vezes, essas abordagens se limitam a apenas descrever como esses povos viviam e o que fizeram no período em que influenciaram o seu contexto. Os Outros da Bíblia tem uma concepção diferente. Ele surgiu de palestras, ministradas em um curso livre na cidade de Porto Alegre, que tinham como objetivo relacionar os aspectos históricos, culturais e religiosos de cada um dos povos com a revelação bíblica. Depois de algumas recomendações, essas palestras foram gravadas na série *Os Outros do podcast Bibotalk*. Daí em diante, surge a ideia de transformar essas palestras em livro, já que o alcance do *podcast* foi surpreendente. Ou seja, o livro surge do interesse de várias pessoas em aprofundar os conhecimentos sobre a história bíblica e a história dos povos que estão registrados na Bíblia.

Fruto de todo esse contato com as bases comunitárias e com as redes sociais, o livro, publicado pela editora Thomas Nelson com o apoio de BT Books ([www.bibotalk.com](http://www.bibotalk.com)) chega em boa hora no mercado teológico. Contendo 352 páginas, o livro é de fácil leitura e tem o poder de cativar quem o lê com fascínio e interesse, pois a cada página o autor desperta ainda mais a curiosidade.

O livro apresenta sete capítulos principais. No *primeiro* [p. 21-35], intitulado de “*Deus entre os outros*”, Reinke apresenta a teoria da cultura e da religião, para ajudar o seu leitor a compreender de que forma as pessoas perceberam o sagrado, produzindo as religiões até que estas, por sua vez, formassem as suas culturas. Num primeiro momento, Reinke parte de Rudolf Otto<sup>2</sup>, que entende o sagrado como algo “irracional”, ou seja, além do que se pode racionalizar acerca do divino, tornando-se um mistério tremendo e fascinante. Reinke aprofunda sua fundamentação com outra contraposição para definir a noção do sagrado e do religioso, a partir das distinções do mitólogo Mircea Eliade<sup>3</sup> entre o religioso e o profano. Para Eliade, o sagrado é o que se entende como o totalmente outro e diferente do profano (*hierofania*). Ao se relacionar com o sagrado o ser humano é então definido como *homo religiosus*. Por fim, Reinke apresenta as concepções de Justo González<sup>4</sup>, do qual ele retoma o papel da cultura no plano divino. Três

---

<sup>2</sup> OTTO, Rudolf. **O Sagrado**: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2007.

<sup>3</sup> ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

<sup>4</sup> GONZÁLEZ, Justo L. **Cultura & Evangelho**: O lugar da cultura no plano de Deus.

balizas de compreensão são citadas por Reinke em relação ao papel das culturas no plano divino: O propósito divino na cultura, a influência do pecado na cultura e a ambiguidade das culturas. Desta forma, Reinke quer fugir da tendência existente maniqueísta de demonizar as culturas em detrimento de uma cultura, que talvez seria divina, ou divinizada. Ele procura olhar para cada cultura citada na Bíblia dentro dela mesma, considerando suas próprias referências, ambiguidades e a influência do pecado nelas, para então, poder descobrir a ação de Deus não só na cultura israelita, judaica e cristã, mas também entre os outros povos da Bíblia.

Do *segundo ao sétimo capítulo* [p. 37-330], o autor se dedica a abordar cada um dos principais povos, vizinhos de Israel: Os mesopotâmicos, os egípcios, os cananeus, os persas, os gregos e os romanos. Cada abordagem segue uma estrutura padrão, iniciando por uma apresentação da geografia e da cultura, bem como do legado de cada um destes povos para a humanidade. Em seguida, Reinke procura descrever os aspectos principais da religião e dos mitos de cada uma das culturas vizinhas a Israel. Por fim, Reinke apresenta vários elementos das diversas culturas, que influenciaram a cultura do Povo de Israel, mas também, a forma como Israel lidou com estas influências em seu diálogo inter-religioso e intercultural com os povos ao seu redor. É interessante verificar na abordagem de Reinke, como os textos bíblicos, as concepções teológicas e antropológicas e aspectos culturais apresentados na Bíblia como sendo a cultura do povo de Israel é fruto deste intercâmbio cultural entre os outros povos da Bíblia. Reinke deixa claro e de forma muito convincente, que Deus se revelou nessas diversas culturas e que esses povos tiveram o privilégio de conhecer a Deus. Deus agiu não somente no meio do povo de Israel, mas também no meio destes povos, afinal, também eles foram suas criaturas. Ao chegar nos capítulos 6 e 7, nos quais o autor trata dos gregos e dos romanos, Reinke também menciona como esses povos e culturas, a chamada cultura greco-romana, influenciou também o período do Novo Testamento, bem como da Igreja primitiva. Isso fica evidente no relacionamento entre judeus e gentios, entre cristãos de origem judaica e cristãos de origem gentílica. Com isso, fica evidente que o livro auxilia não apenas na compreensão da história de Israel, no Antigo Testamento, mas também no entendimento dos aspectos culturais, políticos, sociais e religiosos do mundo contemporâneo do Novo Testamento.

Por fim, na *conclusão*, intitulada de “Os Outros entre nós” [p. 331-342], Reinke retoma a sua convicção de que as pessoas da antiguidade eram marcadas

pela experiência do sagrado e que mesmo assim, marcadas pelo pecado, deixaram como legado uma cultura ambígua. Contudo, Reinke conclui dizendo que o livro foi uma tentativa de mostrar “como a revelação geral se aproximou da especial, como os outros povos encontraram as pistas que ecoaram na revelação dada aos hebreus” (p. 333). Para explicar como as semelhanças e distinções entre as culturas daquela época foram elaboradas e desenvolvidas, Reinke apresenta o conceito trazido pelo historiador Peter Burke, conhecido como Hibridismo Cultural. Esse conceito explica o fenômeno da intensa troca cultural que ocorreu entre as culturas a partir do efeito da globalização. Esse fenômeno é visto até os dias de hoje. Para Reinke, é possível ver esse hibridismo cultural na construção do texto bíblico, que mesmo sendo inspirado por Deus, não violentou a característica própria de seus autores humanos, que estavam condicionados ao seu contexto histórico, político, religioso, social, cultural e linguístico. Reinke também diz que o hibridismo cultural pode ser verificado na formação do próprio povo judeu, que surgiu a partir da assimilação de diversas culturas e que até os dias de hoje, não se poderia falar de um único judaísmo, mas sim de vários, justamente por causa das várias influências culturais que eles sofreram por ocasião das várias diásporas experimentadas nos últimos séculos. Não por último, Reinke fala que o processo de hibridismo cultural é presente também no cristianismo desde o início de sua história. Os cristãos assimilaram e ressignificaram vários elementos pagãos existentes em vários de seus ritos, festas e tradições. Isso não quer dizer paganização, mas reinterpretação, que retém o que serviu para manter os símbolos que dão sentido à essência da fé cristã. Ao final da sua conclusão, Reinke cita os exemplos de C. S. Lewis e de J. R. R. Tolkien, como dois grandes escritores de ficções literárias, que souberam muito bem atualizar os mitos dos antigos. Para Reinke, está é uma forma de termos atualmente os Outros entre nós, pois essas narrativas ficcionais de Lewis e Tolkien além de conquistaram os leitores, também contagiaram os telespectadores, que assistem aos filmes baseados em seus livros. Segundo Reinke, “para Lewis e Tolkien, Cristo uniu na realidade da salvação todas as esperanças humanas, profetizadas na mitologia e na ficção contemporânea. Cristo confirmou o mito na concretude da história. Ele vive, e nisso reside nossa esperança (1 Pedro 1:3)” (p. 341-342).

Metodologicamente, o livro é bem construído. Como auxílios aos leitores, o livro apresenta ainda uma série de ilustrações e mapas desenhados pelo próprio autor, que também é bacharel em desenho industrial pela Universidade federal de

Santa Maria (1998).

Já li livro duas vezes e sendo bem sincero, é difícil fazer qualquer crítica. Nesse sentido, o livro *Os Outros da Bíblia* de André Reinke é um convite mais do que especial para conhecer melhor o pano de fundo histórico-cultural e religioso do Antigo Oriente e, ao mesmo tempo, compreender como Israel foi testemunha de seu Deus num mundo plural, multirreligioso e diverso. Também “os outros” de nosso tempo fazem parte dos propósitos missionários de Deus. Impulsos extraordinários para isso não faltam neste livro, que chega em boa hora no mercado teológico brasileiro.